

[AINDA SOBRE A DEMANDA DO SANTO GRAAL]*

DANIEL FARIA

Informam-nos *homens bõos e ermitas*, ao longo da *Demanda*, que o ponto de chegada da busca do Graal é a visão das *puridades e cousas absconditas de Nosso Senhor*, mas não restam dúvidas de que os resultados da busca do Santo Vaso (aos quais se ligará a queda do mundo arturiano, não numa relação de causa-efeito, mas numa relação de desenvolvimento cumulativo e mediato, como depois veremos) não se esgotam numa dimensão ético-espiritual, mas culminam – e entramos já numa dimensão sócio-política – um processo de aquisição de identidade, por parte de Galaaz (assunto que retomaremos), e consomem a hierarquia dentro do mundo da cavalaria, iniciada com o dia de *Pinticoste* e a partida dos *C e L cavaleiros da Tavola Redonda*.

Assim, se essa hierarquia se virá a traçar como resultado, em parte, da exemplaridade e santidade de vida, fruto de um comportamento e mérito individuais, na sua estruturação reflectir-se-á também a importância da *ficção genealógica* que, impondo por necessidade de coerência reajustamentos e confirmações, terá um papel organizador

* Prova de avaliação periódica, datada de 13 de Junho de 1998, da cadeira de Literatura Portuguesa III, do curso de Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses.

decisivo na construção d' *A Demanda do Santo Graal*. Não é, pois, mero acaso, queremos dizer, não é certamente apenas como consequência da santidade de vida e dos méritos pessoais que a maior parte dos cavaleiros que teve acesso ao interior de Corberic pertence à linhagem Santa; do mesmo modo que, se Lancelot aparece entre aqueles que podem entrar no castelo de Corberic, tal se deve, sobretudo, como refere José Carlos Miranda¹, ao facto de ele ser membro dessa linhagem, muito mais do que ao efeito da sua aparente conversão de vida, aliás esforço bem efémero, como se verá no seu percurso pós-demanda.

Parece, pois, confirmar-se aquilo que José Carlos Miranda salienta, lembrando Jean Frappier: a temática do Graal e da sua demanda é, “desde Chrétien de Troyes, um assunto privativo de uma linhagem”².

É certo que à *Demanda* são chamados todos os CL cavaleiros da Távola Redonda; no entanto, como vão ensinando e lembrando os eremitas e homens bons, ninguém nela deve entrar

se nam for bem menfestado, ca em tam alto serviço de Deus como este nom deve entrar se nam for bem menfestado e bem comungado e limpo e purgado de todolos cajões e de pecado mortal. Ca esta demanda nom é de taes obras, ante é demanda das puridades e das cousas ascondidas de Nosso Senhor³,

¹ José Carlos Ribeiro Miranda, *Galaaz e a ideologia da linhagem*, Porto, FLUP, 1998, p. 135. Assim como não é por acaso, nem exclusivamente pela sua exemplaridade moral que Boorz, que logo no início da Demanda, no fim do *trebelho*, aparece a segurar o elmo de Galaaz por ser aquele em quem o rei “havia fiúza mui grande”, comparecerá no “triângulo dos eleitos”: “[ele é] o companheiro inevitável de Galaaz, aquele que mais de perto interpreta o sentido de renovação da cavalaria, para o qual aponta a lógica da construção do ciclo, e **também o que mais fielmente se inscreve nas mesmas referências genealógicas e respectivo enquadramento espiritual.**” (*Ibidem*, p. 110, sublinhado nosso).

² *Ibidem*, p. 82. Cf. Idem, “Como o rei Artur e os cavaleiros da sua Corte demandaram o reino de Portugal”, in *Colóquio / Letras*, n.º 142, Lisboa, 1996, p. 90.

³ DP 34, p. 42.

cousas, porém – sublinhe-se –, que só se darão a

veer conhocidamente ao bem aventurado cavaleiro que el escolheu por seu sergente antre todos los cavaleiros terreas, ao qual mostrará as grandes maravilhas do Santo Graal e lhe fará veer o que coração mortal nom poderia pensar nem língua de homem nom poderia dizer.⁴

E donde surgirá esse *sergente de Cristo* escolhido de entre toda a cavalaria? Não certamente de uma linhagem como a de Galvão que teve o seu acto fundador em Perom, membro de uma *nobreza subalterna*, e representante de uma cavalaria que reproduz as aspirações e o trajecto dos *juvenes*, para quem as grandes motivações são a ascensão à condição de senhor e – ambição que decorre desta – o casamento hipergâmico.⁵ Mas da linhagem santa, aquela que nasce em Nascião por intervenção do próprio Cristo, por isso, daquele que foi o primeiro cavaleiro da cavalaria instituída por Cristo, e de Mordaim, o primeiro rei pagão a converter-se ao cristianismo. A busca do Graal está, pois, destinada ao mais alto representante, enquanto seu membro, desta linhagem santa que deve o seu sopro fundador à intervenção salvadora e legitimadora do Redentor.⁶

⁴ *Ibidem*.

⁵ Cf. José Carlos Ribeiro Miranda, *Conto de Perom, o melhor cavaleiro do mundo. Texto e comentário de uma narrativa do “Livro de José de Arimateira”, versão portuguesa da “Estoire del Saint Graal”*, Porto, Casa do Livro, 1994, pp. 43-45. De resto, este autor menciona, aí, como é que a linhagem santa se oporá e suplantará a linhagem de Perom – “o ideal genealógico que retrata a alta nobreza sobrepondo-se àquele que representa a nobreza subalterna” – uma inferiorização que passará pelo processo de imputação a essa linhagem de actos vis e condenáveis, como a *Demanda* testemunhará e como mais à frente assinalaremos, resultado final da recusa, por parte das linhagens mais importantes, “dos pontos de vista dos *juvenes*, subvertendo [...com a temática do Graal e a santificação da linhagem,] os mecanismos romanescos que tão habilmente haviam sido criados para os afirmar.” (*Ibidem*, p. 49).

⁶ “Linhagem santa e depuração ética são agora os ingredientes indispensáveis à definição da função militar da nobreza, ou seja, da cavalaria.” (Idem, “Como o rei Artur”, p. 91.)

Ora, tal facto, isto é, tal eleição e predestinação, reclamará o aparecimento e a ascensão, no mundo da cavalaria, de uma nova personagem, uma vez que o membro mais destacado dessa linhagem, Lancelot, se tornara um seu indigno representante e, por consequência, um mau representante da cavalaria onde, devido à sua ascendência e bondade de armas, desempenhava um papel proeminente.

Ao envolver-se numa relação adúltera com a rainha Genevra (causa mais imediata da futura queda do mundo arturiano), Lancelot não só cedera ao pecado da luxúria, atentando contra Deus seu Senhor celeste e pondo-se ao serviço do demo, como atentara contra a ordem por Ele estabelecida, pois lesara uma instituição de direito divino ao cometer um gesto de deslealdade contra o seu senhor terreno, o rei Artur, representante máximo da realeza, atingindo, também, com a desonra, toda a sua linhagem – o que lhe será lembrado, insistentemente, nos seus sonhos e visões, pelos seus antepassados. Tornara-se, pois, necessário o aparecimento de alguém que, apresentando-se como antítipo de Lancelot, viesse ocupar o lugar que ele, pela sua indignidade, deixava em aberto.⁷

Ao surgir como o grande esperado, como aquele que virá cumprir aquilo que Lancelot, pelo seu erro, se tornara incapaz de cumprir, Galaaz encontrar-se-á, por isso, destinado a refazer o percurso do seu pai, assumindo, onde este errou, um tipo de comportamento que não só se opõe ao do seu progenitor, corrigindo-o, como inaugura um novo modelo de cavalaria.⁸

⁷ Cabe aqui lembrar a homologia referida por José Carlos Miranda entre a construção do ciclo arturiano e o modelo bíblico. LANCELOT corresponderia ao Antigo Testamento e prepararia o Novo Testamento, concretizado em Galaaz. Cf. Idem, *Galaaz*, p. 165. Sobre o mesmo assunto: Cf. Idem, “Como o rei Artur”, pp. 90-91.

⁸ Ou não tão novo assim. José Carlos Miranda fala, com propriedade, de um *cavalaria renovada*, porque, como refere, essa “cavalaria renovada representada por Galaaz não é tanto uma negação do ideal de cavalaria do romance inicialmente não-

José Carlos Miranda apresenta as analogias e evocações na biografia de Galaaz que convocam e refazem o percurso de Lancelot, através do qual Galaaz vai reafirmar a exemplaridade moral que deixara ensinada na primeira secção do seu trajecto⁹, um caminho que opõe à tempestividade e turbulência da jovem cavalaria, a prudência e ponderação, ao pecado do orgulho, a humildade, ao homicídio gratuito, a clemência e a afirmação da primazia do valor da vida, e ao pecado da luxúria, a defesa da virgindade, como testemunham os episódios do cavaleiro suicida, de Mellias, de Dalides e do Castel Brut. Assim, aí onde Lancelot teve uma formação de carácter profano (foi formado numa moradia feudal pela Dona do Lago), Galaaz apresenta uma preparação realizada no interior de um convento de monjas, pela mão de um eremita; aí onde Lancelot faz a sua afirmação de cavaleiro com um gesto imprudente de nefastas consequências (o “chevalier enferré”), Galaaz sobressai pela afirmação de uma nova ética:

Galaaz retoma a figura do pai para a superar neste ponto concreto e preciso, recusando as propostas tresloucadas, carentes de sentido e atentatórias contra a vida, que aquele imprudentemente aceitara. A estratégia que consiste em apresentar as circunstâncias da vida de Galaaz em contraste com as homólogas de Lancelot, atinge aqui um ponto decisivamente mais elevado, visto não se tratar já apenas de contraste, mas sim de aberta contestação¹⁰;

aí onde a aquisição de identidade é, para Lancelot, a descoberta do seu nome de baptismo, para Galaaz é a descoberta da sua ligação a uma patrilinhagem que remonta a Nascimento, primeiro cavaleiro cristão e abençoado por Cristo, uma aquisição de identidade que culminará

-cíclico, quanto é o seu aprofundamento, a sua especificação e o seu refinamento, num sentido que é o mesmo que já lá era enunciado.” (Miranda, *Galaaz*, p. 40).

⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 30-56.

¹⁰ *Ibidem*, p. 49.

com a cura do rei Pelles e posse do Graal, aqui iniciada e significada pela aquisição do escudo, um começo de identidade que cruza, desde logo, o plano horizontal (linhagem inaugurada por Nascimento) e o plano vertical, uma vez que o *homem bõo* reconhecerá em Galaaz esse tal eleito da cavalaria, tão esperado e desejado que a sua vinda representa a vinda de Cristo, “quanto em semelhança, ca nom por alteza”¹¹; finalmente, aí onde Lancelot aparece fraco e vencido pela luxúria, atentando contra o Rei Artur enquanto esposo (dimensão moral) e enquanto rei (dimensão política) – haja em vista o carácter alegórico do episódio de Mellias –, Galaaz mostra-se fiel à sua virgindade (episódio do Castel Brut), revelando-se como representante de uma cavalaria que já não tem na mulher uma das suas principais motivações, e como reprovação dessa antiga ordem representada em (Galvão, Estor de Mares e) Lancelot, punida quer na exclusão deste do grupo dos doze que contemplam o Graal, quer no progressivo obscurecimento da linhagem de Perom, na qual se vai acentuando, por acumulação de erros e vícios, a degenerescência moral, extremada na impenitência de Galvão.

As motivações da cavalaria renovada que Galaaz inaugura e representa, são motivações de ordem espiritual, que exigem e apresentam uma ética onde se contrapõem ao homicídio gratuito, ao orgulho e à luxúria, a afirmação da vida, a humildade e a defesa da virgindade, e onde o cavaleiro é *sergente de Nosso Senhor*, devendo, por isso, ser defensor do Reino de Deus e da sua justiça, frequentador da eucaristia e da confissão.

Ora, como refere José Carlos Miranda,

tal cavalaria, com tão extensas prerrogativas, carece obviamente de legitimação. No trajecto percorrido por Galaaz, é constante a recolha de objectos-signo que traduzem essa legitimação: o escudo

¹¹ DP 60, p. 61.

de Mordain; a espada de David; o Graal. Todos eles se associam a uma filiação, à pertença a um grupo linhagístico, que se revela ao cavaleiro no momento da respectiva apropriação. A linhagem é, assim, a mais saliente estrutura significativa que traduz esse direito da cavalaria à sua função.¹²

Ao tomar posse do Graal e ao transportá-lo para Sarraz (último objecto-signo que simboliza a ligação de Cristo à sua cavalaria), Galaaz completa um percurso de aquisição de identidade e legitimação que é, ao mesmo tempo, de integração plena numa linhagem que entrelaça num tronco comum três raízes diversas que, se, como diz o autor que temos vindo a seguir, reivindicam a sua especificidade, se completam numa idêntica (re)afirmação da sua condição de linhagens eleitas, facto que vem “dar coerência e sentido às suas [de Galaaz] acções e ao que elas têm de redentor da ordem da cavalaria.”¹³, apresentando-o como ponto de convergência onde se alcança um “grau máximo de predestinação”¹⁴ e, por isso, cavaleiro dotado de excelência na exemplaridade, e por esse mesmo processo capacitado de uma autoridade inaudita.

E é claro que, ao apresentar-se como modelo autorizado e excelente da cavalaria de Cristo, não só legitimado pela posição de herdeiro das três linhagens, mas também pela confirmação que Cristo faz da sua eleição, em Corberic (uma eleição a consumir-se em Sarraz e já antecipada ao longo do seu percurso, de modo especial no episódio da Barca de Salomão), Galaaz não só propõe um modelo da cavalaria

¹² Miranda, *Galaaz*, p. 167.

¹³ *Ibidem*, p. 91. O autor aponta ainda como a progressiva aquisição dos “objectos míticos”, emblemáticos de cada uma das linhagens, assinala o começo de cada uma das três etapas do itinerário de Galaaz, etapas que no seu conjunto são caminho revelador de identidade(s) que faz(em) de Galaaz “expoente máximo da cavalaria”, mas também, legítimo herdeiro da própria realeza.

¹⁴ *Ibidem*.

renovada, como, inevitavelmente, essa proposta se torna, ao mesmo tempo, um julgamento da antiga cavalaria: a selecção/hierarquização do Castelo do Graal é, nesse sentido e simultaneamente, a conclusão e o começo de tal avaliação: a sua conclusão, porque como explicou o eremita de modo antecipado a Boorz¹⁵, aí termina a separação do trigo do joio, a divisão entre os bons e os maus; e o seu começo, porque, uma vez separado o trigo do joio, inaugura-se a hora do Juízo Final¹⁶, a hora da queda do reino arturiano.

É verdade que esta queda não é, como faz notar José Carlos Miranda, e como sugerimos no início desta exposição, uma consequência directa da busca do Graal,

Mas é verdade que, ao transformar Galaaz numa imagem simetricamente negativa de Lancelot, o ciclo levou a que o sentido da busca do Graal se deslocasse decisivamente para a avaliação da pluralidade de dimensões do seu erro e, conseqüentemente, para a afirmação de um depurado e exigente quadro de valores que orientem a actividade da cavalaria.¹⁷

Um quadro de valores onde o mundo arturiano vê denunciar-se e denunciada a sua imagem que os vícios *dis-formaram*.

Por outro lado, a separação entre bons e maus, resultante da demanda e de Corberic, acabaria necessariamente por ter um peso significativo na dissensão interna que derrubaria o reino de Artur (punição muito maior e decisiva do que a fome, como notou José Carlos Miranda¹⁸), uma dissensão criada pela ruptura entre as linhagem do

¹⁵ DP 166, pp. 131-132.

¹⁶ Veja-se o que dissemos na nota 7.

¹⁷ Miranda, *Galaaz*, p. 164.

¹⁸ Cf. *Ibidem*.

rei e de Lancelot, longamente anunciada e preparada¹⁹, e *tempero*²⁰ essencial para o desencadear de todo o conflito gerado pela revelação pública das relações adúlteras entre Lancelot e a rainha Genevra, desencadeada por dois momentos fulcrais: o episódio da sala das imagens²¹ e o episódio em que os irmão de Galvão *filbarom Lancelot com a raia*²².

Mas entretanto, já o lento denegrir da linhagem de Galvão, com quem mais imediatamente o rei Artur era identificado, tinha aberto caminho para que o erro de Lancelot e o seu efeito sobre a sua linhagem fosse, de algum modo, desagradado, e também para que, colocada a linhagem do rei Artur numa posição de vulnerabilidade, transformada de vítima em ré merecedora de punição e castigo, a queda do mundo arturiano se consumasse, indigno de compaixão e auxílio, vítima dos seus próprios erros e vícios.

E assim, à maneira do(s) redactor(es) da *Demanda*, também nós aqui terminamos, esperando ter *dado cima* a esta empresa, onde nos propusemos evidenciar como é que a “imponente ficção genealógica” se reflectiu, como condicionante e motivação, nos resultados da busca do Santo Graal e na queda do mundo arturiano, tal como no-lo narra *A Demanda do Santo Graal*.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 140-141. E inclusive prefigurada na parte final do episódio de Mellias: Cf. *Ibidem*, p. 54.

²⁰ Cf. *Ibidem*, p. 142.

²¹ *DP* 262, p. 211.

²² *DP* 638, pp. 464-465.

